

# CAQUENDE

**José Antônio de Ávila Sacramento**

Pertencem ao distrito são-joanense de São Sebastião da Vitória os povoados e vilas do Tijuco, Bandeirinha, Januário, Caquende, Cruzeiro da Barra, Engenho de Serra e Valo Novo. Contando com a ajuda de um trabalho que foi repassado a este escriba por Eduardo Antônio da Silva<sup>1</sup>, passarei a discorrer, ainda que mui brevemente, a respeito da localidade do Caquende<sup>2</sup>, um poético arraial localizado na margem direita do Rio Grande.

Aquele que seguir os marcos da Estrada Real, sentido S. João del-Rei/Carrancas, certamente que passará pelo Caquende e lá encontrará, inserido naquela bela paisagem, um local encantador. A tradição oral nos dá conta de que as origens daquela capela e do arraial podem estar ligadas à extração do ouro. É uma suposição que poderá vir a ser confirmada, haja vista a existência de um antigo rego d'água que se inicia próximo ao Povoado de Jaguará (Ribeirão da Cachoeira do Bom Retiro), seguindo tortuoso percurso até o “tanque”, reservatório que ficava na entrada do Caquende; a água, a partir dali, seria distribuída para a lavagem de ouro nas “catas” que então circundavam o lugarejo. Segundo relato contido no livro “Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Carrancas”, foi por volta de 1880 que o pe. Jerônimo Guimarães iniciou a construção da ermida em honra a Nossa Senhora do Carmo no Caquende. Daí iniciou-se a distribuição de terrenos em volta da capela, para pessoas de pequenas posses, e, naturalmente, foi surgindo o núcleo primitivo de povoação daquela vila.

Acredita-se que a origem do topônimo Caquende é proveniente do termo “Cá-aquém-de”, ou seja, “cá aquém de lá”, pois o lado de cá (o do Caquende) estava aquém do de lá (do da Capela do Saco/Carrancas). Em 1873, segundo o que está escrito no livro “Três Ilhoas”, de José Guimarães (03 vols., 04 tomos - 1990/98, “Obra Póstuma”), existiu uma ponte sobre o Rio Grande, ligando as “terras de cá” com “as terras de lá”, ou seja, o Caquende com a Capela do Saco. Andei pesquisando e pude ver que o termo “Caquende” também pode ter sua origem no idioma Iorubá/Nagô (de uma família lingüística nígero-congolesa, falada no sul do Saara/África); em Sabará-MG, existe o Chafariz do Kaquende (com “K”), edificado em 1757; na obra de Guimarães Rosa, no conto “Um moço muito branco” (in: Primeiras Estórias), aparece um tal de José Kakende (com dois “k”); pude constatar que o termo Caquende, num certo dialeto aborígene africano, pode significar “água limpa”.

O visitante que se dirigir ao Caquende vai deparar com uma região de grande beleza. Lá do alto, antes mesmo de se chegar à sede da vila, descortina-se o belíssimo espelho d'água da represa de Camargos, reservatório que alimenta a usina

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Waldir Teixeira de (et alli). *Retalhos de Lembranças do Caquende*. Monografia. São João del-Rei, setembro de 2005.

<sup>2</sup> Versão original deste texto foi publicada no *Jornal de Minas* – S. João del-Rei, MG, ano X, ed. 125, 28/05 a 03/06/2010, página2.

hidrelétrica de mesmo nome, concluída em 1960. Chegando ao lugar de ruas calmas e casas construídas a partir do redor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o visitante poderá desfrutar-se de extensos gramados, apreciar o clima ameno e a boa culinária local, além de facilmente travar animada prosa com a sua gente hospitaleira. No local, a Prefeitura de São João del-Rei mantém a Escola Municipal José Virgílio Leite, fundada em 1902.

Uma paixão bem brasileira, a prática do futebol, sempre foi bem fomentada no Caquende. O primeiro campo de futebol existiu nas proximidades do “Tanque” (o mencionado reservatório d’água que era usada para lavar o ouro), local que atualmente fica depois da curva da estrada da chegada no arraial. Por volta de 1935 construíram o atual campo, a pedido do sr. Geraldo Pereira de Miranda. A equipe de futebol do local é conhecida por “Time do Caquende”. A bandeira da equipe foi concebida nas cores verde (simbolizando a esperança) e branca (a paz), tendo no centro o desenho de um peixe chamado Curimba. Dizem que o peixe representa a maneira de jogar do time: leve, consciente, harmonioso, deslizando no gramado como o peixe faz na água, até darem com a bola nas redes dos adversários. O Curimba foi escolhido como símbolo do time depois da construção da barragem de Camargos, ocasião em que com o represamento do Rio Grande houve conseqüente inundação de muitas das terras agricultáveis. Então, a lavoura foi quase que substituída pela pesca; os pescados eram vendidos no povoado e até mesmo em S. João del-Rei. O processo de tirar os peixes da represa e transportá-los nos ombros dos pescadores, a maioria dos jogadores e torcedores do time do Caquende, fazia com que eles ficassem cheirando Curimba (cheirando a peixe). Desta forma, adversários no futebol se utilizavam disso para depreciarem os naturais daquela localidade! Só que “o tiro saiu pela culatra”: o que poderia soar como sendo vergonhoso tornou-se um orgulho para o time, para os torcedores e os habitantes do local, que passaram a ostentar a figura do peixe no estandarte do clube!

No Caquende, as tradições folclóricas ainda são bastante lembradas e preservadas. Na localidade ainda é possível ouvir casos do “João do Mato”, um tosco boneco feito com armação de madeira, cheio de capim e palha, recoberto com roupas velhas; o boneco – para a vergonha do destinatário – era colocado nas portas das casas e nas roças daqueles lavradores que, preguiçosos ou sem tempo, não davam conta de capinar as suas lavouras a contento. Por lá ainda é possível ouvir a “Estória da Cachucha”; dizem ser um bicho preto, feio, de olhos vermelhos como se fossem brasas acesas. Seria do tamanho de um cachorro e anda incomodamente ao lado das pessoas, assombrando-as pelas beiras dos caminhos em noites bastante escuras; contam que não adianta querer bater na Cachucha, pois não se consegue atingi-la.

Também o “Caboclo d’Água”, um dos nossos muitos mitos aquáticos, ainda povoa a imaginação e a memória dos habitantes do Caquende; eles dizem que a tal criatura vive nas barrancas da represa e nos seus alagadiços, que ela seria de baixa estatura, troncuda e musculosa, meio cabeluda, pele da cor de bronze e um só olho bem no meio da testa. Ela pode até sair da represa ou do rio, geralmente para praticar alguma vingança ou fazer traquinagens, mas nunca se afasta muito da água. Lembro-me que desde pequeno, lá numa fazenda do arraial de São Miguel do Cajuru, eu já ouvia dizer casos fantásticos sobre o Caboclo d’Água; me diziam que

ele era uma “coisa terrível que vivia lá pelas bandas da represa do Engenho de Serra” (povoado nas proximidades do Caquende) e que o temperamento da criatura era enfezado e que ela não gostava de pescadores que faziam muito barulho ou dizimavam os peixes; assim, quando descontente, a criatura agarrava as canoas pelas bordas, balançando-as para tentar naufragá-las. Dizem que o corpo de um Caboclo d’Água é imune a tiros e que os canoieiros andam com um facão, uma foice ou machadinha bem afiados e guardados no fundo do barco; assim que a criatura coloca a mão na borda do barco para tentar virá-lo, a única maneira de ficar livre dela é cortando-lhe os dedos; desta forma, com a mão decepada, ela desiste de virar a canoa; mas depois, quando crescem-lhe novos dedos, a criatura volta para vingar-se e afundar outras canoas... Em 2009, o escritor Oyama de Alencar Ramalho, através do opúsculo “Visagem” (edição original de 2005), apresentou-nos uma versão do Caboclo d’Água, obra com capa de João Ramalho Neto e com ilustrações de seu neto, Luca Ramalho Rizzuti<sup>3</sup>. Posteriormente, o conto foi transformado em vídeo com o título de “Visagem - O Filme” (uma idéia original de Clarissa Moebus Ramalho, com videoarte, narração e trilha de Flávia Ventura). O conto escrito por Oyama, seja ele folclórico ou impregnado de “filosofia experimental”, é leitura que vale a pena; os fatos narrados em “Visagem” aconteceram lá pelos lados da “barra do Rio Aiuruoca, um dos afluentes do (Rio) Grande”, local que não fica muito longe do Caquende<sup>4</sup>.

As danças tradicionais também sempre foram motivos de atenção do povo do Caquende. Até os anos 1970 morava no povoado o Sr. Raimundo Marçal; ele e os seus filhos Ozair, Ozanan e Ozanir reuniam crianças para uma dança chamada “Moçambique”. Vestiam-se de branco e o ritmo era marcado através dos sons de guizos presos aos seus tornozelos e das batidas de pedaços de pau. Também há registro da existência do “Bumba-Meu-Boi” no Caquende: nas festas anuais em honra a Nossa Senhora do Carmo, a brincadeira era coordenada pelo sr. José Valentim e seus filhos José do Carmo (Carminho), Valdomiro (Miro) e Ildeu (Deuzinho). Eles “construíam o animal” às escondidas; a apresentação era encenada por Toninho e Zé da Naninha que, travestidos de Boi, apareciam nas festas, à noite, e assustavam as pessoas, causando uma algazarra geral. Era grande a correria, com gente se escondendo atrás das portas, dentro dos quartos, debaixo da cama e até subindo pelos arcos de bambu que enfeitavam as ruas. Até o padre, dizem, tinha receio do Boi; ele a tudo acompanhava, mas de longe, lá do lado de dentro da casa paroquial.

Por falar em padre, lembro-me de que foi também no Caquende, por intermédio do virtuoso padre cajuruense Miguel Afonso de Andrade Leite (1912-1976)<sup>5</sup>, que aconteceu um ato miraculoso: após a celebração de um casamento, padre Miguel dirigiu-se à casa dos noivos: parabenizou-os e manifestou-lhes o desejo de tomar uma pequena dose de vinho. A família dos recém-casados, decerto gente humilde, não tinha vinho disponível; assim, pediram ao padre para que ele esperasse um pouquinho, pois mandariam buscar nas vizinhanças uma garrafa de vinho para servi-lo. O padre, percebendo a situação desconfortável que criara, impediu que qualquer pessoa deixasse a sala para ir buscar a bebida; então, virou-se

---

<sup>3</sup> Leia o conto *Visagem*: [http://www.patriamineira.com.br/imagens/img\\_noticias/004333090510\\_3\\_-VISAGEM.pdf](http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/004333090510_3_-VISAGEM.pdf)

<sup>4</sup> O Rio Aiuruoca deságua no Rio Grande próximo à cidade de Madre de Deus de Minas-MG

<sup>5</sup> Leia sobre o pe. Miguel: [http://www.patriamineira.com.br/imagens/img\\_noticias/202753090510\\_Pe.\\_Miguel.pdf](http://www.patriamineira.com.br/imagens/img_noticias/202753090510_Pe._Miguel.pdf)

para o lado do filtro de água, orou em latim, fez o sinal da cruz e pediu algumas canecas; misteriosamente, ele começou a servir vinho aos noivos e demais pessoas, à vontade. Dizem que todos beberam daquele vinho, mas ninguém se embriagou. Ao final, o sacerdote também sorveu um bom gole, tornou a fazer o sinal da cruz na direção do filtro de barro, ocasião em que o recipiente voltou a ficar cheio d'água. Segundo o meu finado primo Sebastião Alexandrino de Ávila (1928-2008), que foi um dos coroinhas do pe. Miguel, o fato foi atestado por várias testemunhas, entre as quais “um tal de João Anastácio, então morador do Engenho de Serra”; fico imaginando que o episódio deve ter sido como uma fantástica reedição das Bodas de Caná!

È certo que ainda há muito por pesquisar; há muitas coisas por descobrir e para divulgar. São histórias que estão adormecidas e que silenciosamente habitam as silicosas margens dos caminhos da nossa Estrada Real, esperando para serem despertadas. Ainda há muito para saber sobre a história e as tradições do Caquende, assim como de outras localidades. Há muita “filosofia experimental” ou “psicologia social” para investigarmos por toda a rica região dos Campos das Vertentes de Minas. Continuemos, pois! Quem se habilita a nos ajudar?